

AS RELAÇÕES TEMPORAIS NAS FRASES COM ORAÇÕES SUBORDINADAS COMPLETIVAS FINITAS DE VERBO

Joana Raquel Almeida Costa¹

joanoka_costa@hotmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO. Neste trabalho procurámos analisar a sequência de tempos em frases com orações completivas finitas de verbo, de maneira a identificar e perceber as relações temporais que se podem estabelecer. Na nossa análise utilizámos frases completivas selecionadas por verbos não neutros relativamente à localização da situação encaixada, nomeadamente, os verbos *prometer* e *decidir* (verbos prospetivos) e *lembrar* e *recordar* (verbos retrospectivos). Para além disso, outro dos nossos objetivos é estudar a questão da subordinação temporal neste tipo de frases, percebendo se este processo está presente ou se, por outro lado, há a criação de um novo domínio temporal. A análise permitiu-nos chegar a algumas conclusões relativamente ao tempo verbal mais utilizado nos verbos introdutórios das orações completivas, às sequências de tempos e às relações temporais mais frequentes, assim como à presença, ou não, de subordinação temporal.

PALAVRAS-CHAVE. Orações completivas finitas, Sequência de Tempos, Relações Temporais e Subordinação Temporal.

ABSTRACT. In this work, it is our aim to analyze the sequence of tense in finite *that*-clauses, in order to identify and perceive the temporal relations that can be established. In our analysis we used finite *that*-clauses selected by non-neutral verbs regarding the location of the embedded situation, namely, the verbs *prometer* and *decidir* (prospective verbs) and *lembrar* and *recordar* (retrospective verbs). Moreover, another of our goals is to study the question of temporal subordination in this type of sentences, in order to determine if this process is present or if, on the other hand, there is creation of a new temporal domain. The analysis allowed us to reach some conclusions regarding the most used tense in the introductory verbs of *that*-clauses, the most frequent sequences of tenses and temporal relations, as well as the presence or absence of temporal subordination.

KEY-WORDS. Finite *that*-clauses, Time Sequence, Temporal Relations and Temporal Subordination.

¹ Estudante do 3.º ano da Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é estudar a questão do tempo nas frases com orações subordinadas substantivas completivas finitas de verbo introduzidas pelos verbos não neutros *prometer*, *decidir*, *lembrar* e *recordar*. Para isso, iremos analisar quais os tempos verbais utilizados, tanto no verbo da frase superior, como no verbo presente na oração encaixada. Além disso, faremos a descrição das relações temporais estabelecidas, tendo em conta que trabalharemos apenas com verbos não neutros no que diz respeito à localização da situação encaixada e abordaremos ainda a questão da subordinação temporal.

Este trabalho está dividido em diferentes secções. Na primeira secção terá lugar um breve enquadramento teórico, que inclui duas partes. Na primeira parte, iremos abordar a noção de tempo e, de seguida, estudaremos algumas propostas de análise de questões temporais, mais concretamente, iremos basear-nos nas propostas dos seguintes linguistas: Reichenbach (1947), Comrie (1985) e Declerck (1991), discutidas em Oliveira (2003) e Silvano (2003), sendo que a subordinação temporal é estudada neste trabalho de Silvano (2003), revelando-se também fundamental para a nossa pesquisa. Na segunda parte, procederemos a uma breve caracterização das orações completivas finitas e trataremos a questão do tempo aplicada a este tipo de orações. De seguida, tendo por base o enquadramento teórico, analisaremos o *corpus* por nós constituído, começando por, num primeiro momento, explicitar os critérios que presidiram à sua constituição e, num segundo momento, comentar os dados relevantes. Serão apresentados alguns gráficos que nos permitem contabilizar os dados presentes no *corpus* e proceder à sua análise. Os exemplos presentes neste trabalho serão sempre retirados do *corpus*. Para concluir este trabalho, serão apresentadas algumas considerações finais.

2. Enquadramento Teórico

2.1. A categoria Tempo

A categoria Tempo permite localizar as diferentes situações, tanto estados como eventos, que são expressas nas línguas naturais em diferentes tipos de enunciados (Oliveira 2003:129). Os tempos verbais desempenham um papel bastante importante na marcação da

localização. No entanto, os advérbios, as expressões adverbiais de tempo e outras construções temporais também cumprem essa função.

O Tempo pode ser entendido como uma ordenação linear orientada desde o passado até ao futuro. A forma como o tempo é marcado nas línguas implica não apenas a localização², mas também a orientação no eixo temporal³. Além disso, na maioria dos casos, quando usamos uma expressão temporal para caracterizar uma situação, ela não é concetualizada como um ponto no eixo, mas sim como um intervalo de tempo, uma vez que a dimensão de duração é associada ao tempo (cf. Oliveira, 2003:130).

Assim sendo, os tempos gramaticais organizam-se, de uma forma geral, em três domínios: o passado, o presente e o futuro. Isto permite-nos falar de três tipos de relações temporais: anterioridade, simultaneidade e posterioridade do tempo em relação a um determinado momento escolhido, que funciona como ponto de referência e que é, na maioria dos casos, o momento de enunciação.

De facto, segundo Reichenbach ((1947) *apud* Silvano (2003)), existem três pontos essenciais para proceder à localização temporal: o ponto da fala (S), coincidente com o momento da fala ou da enunciação, o ponto do evento (E), isto é, o tempo do acontecimento descrito na frase, e o ponto de referência (R), que funciona como ponto intermediário e a partir do qual se pode localizar a situação descrita. Reichenbach ((1947) *apud* Silvano (2003: 9)) agrupa os tempos verbais em três grupos: os tempos absolutos, os tempos relativos e os tempos absolutos-relativos⁴:

“Nos tempos absolutos, R e S coincidem, enquanto os tempos relativos são definidos em termos das relações que se estabelecem entre R, S e E. Por outro lado, nos tempos absolutos, o termo anterior aplica-se se E precede R e o termo posterior se E segue R. Quando R e E coincidem, usa-se o termo simples. Os termos passado, presente e futuro indicam a posição de R em relação a S.”

Como exemplo de um tempo absoluto temos o presente, em que R, E e S são

² A forma mais comum de se marcar a localização é por meio de tempos verbais, apesar de também poderem ser utilizados advérbios temporais e certas construções temporais.

³ O tempo é visto como uma linha orientada do passado para o futuro, em que se podem estabelecer diferentes relações no eixo temporal: de anterioridade, de simultaneidade e de posterioridade.

⁴ Os tempos absolutos-relativos conciliam a referência temporal absoluta de um ponto de referência, com respeito ao momento presente, com a referência temporal relativa de uma determinada situação.

coincidentes e como exemplos de tempos relativos podemos falar, por exemplo, no Pretérito-mais-que-perfeito, em que E ocorre antes de R e R, por sua parte, é anterior a S.

No seguimento de Reichenbach, Comrie ((1985) *apud* Silvano (2003)) recorre ao momento de fala (S), que é coincidente com o momento presente, sendo um ponto fixo, e a um intervalo de tempo no qual se localiza a situação, isto é, o momento do evento (E). A caracterização dos tempos é determinada pelas relações de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade entre E e S.

Podemos distinguir dois tipos de relações, deíticas ou anafóricas, dependendo do intervalo de tempo escolhido como ponto de referência (Oliveira, 2003: 132). Nas relações deíticas há uma relação direta com o momento de enunciação, com um elemento extra-linguístico, enquanto que nas relações anafóricas é estabelecida uma relação com intervalos introduzidos anteriormente no discurso, ou seja, com um elemento linguístico. Tomemos em consideração alguns exemplos que ilustram esta questão, retirados de Oliveira (2003: 132):

- (1) A Maria partiu ontem.
- (2) Antes de escrever a carta, o Rui telefonou à Ana.
- (3) O Rui disse à Ana que tinha conversado com o pianista quando este chegou ao auditório.

No exemplo (1), o tempo verbal e o advérbio localizam a situação num tempo passado, no dia anterior ao dia da enunciação. Neste caso, está presente uma relação deítica, uma vez que a situação estabelece uma relação direta com o momento de enunciação. Em (2), temos uma relação anafórica, pois estabelece-se uma relação temporal de anterioridade entre “O Rui telefonar” e a oração temporal “Antes de escrever a carta”. No exemplo (3), estão representadas várias situações e, para serem interpretadas, implicam a ligação às situações com as quais ocorrem, constituindo um exemplo de anáfora temporal.

Existem ainda outras propostas teóricas, como a de Declerck (1991), que propõe uma teoria descritiva do tempo, na qual, por exemplo, substitui o termo evento pelo termo situação, sendo esta substituição relevante, uma vez que permite dar conta das relações temporais também com predicções de natureza estativa. O mais relevante nesta proposta para o nosso trabalho é o conceito de domínio temporal. Para este linguista, o domínio temporal

corresponde a “um intervalo de tempo ocupado por uma situação, ou conjunto de situações, temporalmente relacionadas umas com as outras através de formas verbais” (Silvano, 2003: 93).

A questão da subordinação temporal é trabalhada em Silvano (2003) e podemos dizer que ocorre quando a eventualidade encaixada é inserida no domínio temporal criado pela primeira situação, constituindo-se esta como o ponto de perspetiva temporal, ou seja, o intervalo de tempo a partir do qual a situação é perspetivada (Kamp & Reyle (1993) *apud* Silvano (2003)). Isto significa que a situação da oração encaixada está subordinada temporalmente à primeira situação (Silvano 2003: 138).

2.2. Orações subordinadas completivas finitas

2.2.1. Breve caracterização das orações subordinadas completivas

Existem dois processos de concatenação no domínio das frases complexas: a coordenação e a subordinação. Nesta secção iremos debruçar-nos sobre a subordinação, que é um processo de ligação entre duas orações, em que uma se torna dependente da outra, isto é, há um elemento subordinante, que pode corresponder a uma oração, mas também a um verbo, nome ou adjetivo, e outro dependente ou subordinado.

A subordinação apresenta algumas características que a permitem distinguir da coordenação, tais como a mobilidade, uma vez que as orações subordinadas permitem alguma mobilidade sem que isso gere uma frase agramatical, enquanto que as orações coordenadas não permitem qualquer mobilidade. Além disso, as estruturas subordinadas cumprem sempre uma função sintática dentro da frase superior. Por último, a subordinação opera apenas sobre unidades oracionais frásicas.

A subordinação subdivide-se em três grupos: substantivas, adjetivas e adverbiais. É no grupo das substantivas que se encontram as completivas, que são o objeto de estudo do nosso trabalho. A subordinação completiva é um dos grandes tipos de subordinação e tem como característica o facto de a frase subordinada se apresentar como um argumento de um dos núcleos lexicais da frase superior. Assim, a frase completiva é sempre selecionada por esse núcleo, que pode ser de diferente natureza: verbo (cf. (4)), adjetivo (cf. (5)) ou nome (cf. (6))⁵.

⁵ Exemplos retirados de Duarte (2003: 596).

No fundo, constituem-se como construções de complementação, isto é, “complementam o sentido do predicador que as seleciona” (Barbosa 2013: 1821).

- (4) O João prometeu que telefonava logo à noite.
- (5) Os miúdos são capazes de escalar essa colina.
- (6) Os estudantes tiveram a ideia de organizar uma feira de protótipos.

Este tipo de orações pode facilmente ser substituído por argumentos de natureza nominal e, por isso, estas construções são também denominadas substantivas. (Barbosa, 2013: 1824).

As orações completivas podem desempenhar diferentes funções sintáticas, dependendo do tipo de complementação (verbal, adjetival ou nominal). Vamos apenas ocupar-nos de referir as distintas funções sintáticas que pode desempenhar a complementação verbal, visto ser esse tipo de complementação que encontramos no objeto de estudo do presente trabalho. Analisemos os seguintes exemplos de Duarte (2003):

- (7) Que a Maria não tenha vindo à festa **surpreendeu** o João.
- (8) O João **sabe** que estamos à espera dele.
- (9) O João **insistiu** em que fôssemos à festa dele.

No exemplo (7), a oração completiva sublinhada desempenha a função sintática de sujeito, no exemplo (8) tem a função sintática de objeto direto e na frase (9) cumpre a função de complemento oblíquo. Todas as funções sintáticas podem ser identificadas através de testes. No primeiro caso, no qual a oração completiva desempenha a função sintática de sujeito, poderíamos substituir toda a oração (“Que a Maria não tenha vindo à festa”) por um pronome demonstrativo invariável, como *isso* (*Isso* surpreendeu o João) em posição pré-verbal. Quando a completiva tem a função de objeto direto, este pronome substitui a oração em posição pós-verbal e quando desempenha a função de oblíquo, o pronome é precedido de preposição.

A conjunção que introduz este tipo de orações é, na maior parte dos casos, a conjunção *que*, apesar de também poderem ser introduzidas pela conjunção *se*, quando ocorrem com verbos como *perguntar*, *pedir*, *investigar*, *ignorar*, entre outros, como podemos verificar na frase (10), retirada de Duarte (2003).

- (10) Todos lhe **perguntaram** se ele afinal vinha à festa.

As frases completivas podem dividir-se em frases finitas, quando o verbo ocorre numa forma finita do conjuntivo ou do indicativo, e em frases não finitas, quando o verbo se encontra no infinitivo flexionado ou não flexionado, ou no infinitivo gerundivo, ou seja, “numa forma infinitiva precedida de *a* e comutável com o gerúndio” (Duarte 2003: 596). Outro aspeto que distingue completivas finitas de não finitas é que, no primeiro caso, a oração é introduzida pelo elemento *que* e, no segundo caso, a oração não é, geralmente, introduzida por nenhum complementador ou, em alguns casos, pode ser introduzida pelo complementador *para*, como o seguinte exemplo: “O João pediu ao professor para sair da aula”. (Barbosa 2013: 1827)

No uso dos falantes, observam-se duas particularidades nas completivas finitas: a adição ou supressão de uma preposição antes da completiva, em casos não contemplados pela gramática (Duarte 2003: 617-620). A ocorrência de uma preposição antes das completivas finitas desnecessária é denominada dequeísmo, uma vez que a preposição usada é, sobretudo, a preposição *de*. No entanto, também se verificam alguns casos em que a preposição utilizada é a preposição *para*, embora constituam uma minoria. O dequeísmo pode afetar completivas com a função de sujeito e acontece geralmente quando a completiva é selecionada por um verbo inacusativo. Para além deste, existe um outro fenómeno: o queísmo. Este é um fenómeno inverso ao dequeísmo, porque consiste na supressão de uma preposição que introduz legitimamente uma completiva finita. Tal como no caso anterior, a preposição mais frequentemente suprimida é a preposição *de*. Vejamos exemplos que ilustram estes dois fenómenos: em (11) apresenta-se um caso de queísmo, em (12) um de dequeísmo (Barbosa 2013):

- (11) mas devo-te informar que está em curso a operação tempestade no deserto, sem quaisquer baixas (CRPC, Oral formal, O107) (vs. informar de que)
(12) e é preciso também acreditar *de* [que esse investimento é rentável] (CRPC, Oral formal, 086)

2.2.2. O tempo nas orações completivas finitas

Como já foi dito anteriormente neste trabalho, as orações completivas finitas podem selecionar o modo indicativo ou o conjuntivo, sendo que o indicativo é utilizado com maior frequência e tem um valor de modalidade epistémica positiva, enquanto que o conjuntivo possui um valor de possibilidade ou de criação de mundos possíveis.

A seleção do modo está dependente das propriedades do núcleo que seleciona a completiva, mas também da presença de negação frásica. O modo indicativo é utilizado quando o núcleo é um verbo inacusativo (*acontecer, suceder*), epistémico (*achar, pensar*), declarativo (*afirmar, prometer*), de inquirição (*perguntar, inquirir*) ou perceptivo (*ver, sentir*). Por outro lado, o modo conjuntivo é empregado quando o núcleo é um verbo psicológico (*interessar, agradar*), declarativo de ordem (*exigir, permitir*), volitivo e optativo (*desejar, pretender*), causativo (*mandar, deixar*) ou um verbo com preposição (*levar, insistir*) (Duarte 2003: 599) (cf. (13) – modo indicativo e (14) – modo conjuntivo). A utilização do modo indicativo ou conjuntivo produz uma diferença na interpretação, relacionada com o grau de crença, pois o modo indicativo representa um grau de crença maior do que o modo conjuntivo.

(13) Eles afirmam que os resultados *serão publicados* hoje.

(14) A Faculdade deixou que os alunos se *matriculassem* condicionalmente.

Relativamente à sequência de tempos e às relações temporais estabelecidas nas orações completivas, existem também diferenças entre estes dois modos.

Com o indicativo, as orações subordinadas completivas de verbo podem ser selecionadas por verbos com natureza semântica diferente, isto é, podem ser selecionadas por verbos neutros no que diz respeito à influência na localização da situação encaixada (*dizer, afirmar, considerar, achar*) (cf. (15) – (17))⁶, mas também podem ser selecionadas por verbos não neutros, como os verbos utilizados neste trabalho.

(15) O Pedro disse que a avó tocava muito bem piano.

(16) O Pedro disse que a avó chegará muito tarde a casa hoje.

(17) O Pedro disse que a avó tinha saído muito cedo.

⁶ Exemplos extraídos de Oliveira (2013: 544), representando, respetivamente, a relação temporal de simultaneidade, de posterioridade e de anterioridade.

Esta situação tem consequências nas relações temporais que se podem estabelecer, dado que as completivas selecionadas por verbos relativamente neutros admitem a criação de frases com relações temporais de anterioridade, de simultaneidade e de posterioridade. Já as orações completivas selecionadas por verbos não neutros revelam algumas restrições, dependendo do verbo. Por exemplo, *prometer* é um verbo prospetivo e, como tal, localiza a situação representada pela oração subordinada num intervalo de tempo que é posterior ao da situação da frase superior. Assim sendo, a relação temporal mais comum será a de posterioridade, apesar de também se estabelecerem, em alguns casos, relações de simultaneidade, como iremos mostrar.

Com o conjuntivo sucede algo semelhante ao que ocorre no indicativo, isto é, as orações completivas podem também ser selecionadas por dois tipos de verbos, uns que impõem restrições quanto aos tempos verbais da oração encaixada, como os verbos volitivos e diretivos de ordem (*querer, pedir, esperar*), e outros que não impõem qualquer restrição relativamente aos tempos verbais da oração encaixada, como os verbos factivos (*lamentar*). Para além disso, no conjuntivo verificam-se ainda algumas restrições no que respeita à combinação de tempos verbais no verbo principal e no verbo da oração encaixada.

Existe outro aspeto importante no âmbito da questão do tempo neste tipo de orações – a subordinação temporal, conceito que é proposto em Silvano (2003), com base em autores como Declerck (1991). Há subordinação temporal quando a eventualidade descrita pela oração subordinada é integrada no mesmo domínio temporal estabelecido pela eventualidade da frase matriz. Existem três pontos essenciais para determinar se existe ou não subordinação temporal: o ponto de perspetiva temporal, que corresponde ao intervalo temporal a partir do qual a eventualidade é vista; o ponto de referência, isto é, o intervalo de tempo que serve para relacionar as eventualidades e o domínio temporal, o intervalo de tempo criado por uma determinada eventualidade. Quando não há subordinação temporal, estamos perante a criação de um novo domínio temporal, sendo que o ponto de perspetiva temporal corresponde ao momento da enunciação ou ao intervalo que inclui o momento de enunciação e o tempo em que se localiza a situação descrita. Segundo Silvano (2003) são estes os dois processos de combinação de orações. Vejamos então dois exemplos, retirados de Silvano (2003), que ilustram estes dois processos:

- (18) Victor S. Gonçalves, professor naquele departamento, afirmou ao Público que Cláudio Torres não é “um arqueólogo no sentido universitário e europeu do termo”.
- (19) Em resposta, o governo de Tony Blair disse que considerava o assunto “muito sério”.

Ambos os exemplos têm o verbo introdutor no Pretérito Perfeito do Indicativo, pelo que o ponto de perspectiva temporal é coincidente com o momento de enunciação e as eventualidades relatadas situam-se num intervalo de tempo anterior. No entanto, as frases completivas apresentam dois tempos verbais distintos. Em (18) o tempo verbal é o Presente do Indicativo e trata-se de uma frase de duplo acesso, que origina uma leitura em que a situação da subordinada se localiza num intervalo que simultaneamente integra o momento de enunciação e o intervalo de localização representada pela frase matriz. Por um lado, a situação descrita na oração subordinada sobrepõe-se ao evento descrito na frase superior, mas, por outro, a sobreposição da situação é relativa ao momento de enunciação. Ou seja, o estado da oração encaixada ocorre num intervalo de tempo que inclui o momento de enunciação e o tempo em que ocorre “afirmar”. Assim, o ponto de perspectiva temporal corresponde ao intervalo de tempo que engloba o momento de enunciação e a situação da oração encaixada se sobrepõe a esse intervalo de tempo. Já em (19) o tempo verbal utilizado na oração completiva é o Pretérito Imperfeito, sendo que o estado descrito na oração encaixada se sobrepõe apenas ao evento da frase superior. O ponto de perspectiva temporal é o intervalo de tempo anterior ao momento de enunciação. O estado “considerar o assunto muito sério” é integrado no mesmo domínio temporal criado pelo evento de “dizer”. Assim, a frase (18) é um exemplo da criação de um novo domínio temporal, enquanto que a frase (19) exemplifica a subordinação temporal (Silvano 2003: 148-149).

3. O Estudo

3.1. Descrição do corpus

A motivação que nos levou a constituir um *corpus* prendeu-se com o objetivo de estudar as relações temporais nas orações completivas finitas de verbo. De forma a alcançar esse fim, procurámos encontrar uma base que nos fornecesse dados suficientemente abundantes, atuais e fiáveis. Assim, o *corpus* recolhido é procedente da Linguateca. Mais

concretamente, os exemplos são retirados do *corpus* CETEMPúblico (endereço eletrónico: <https://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php?corpus=CETEMPUBLICO>), que contém exemplos retirados do jornal diário *Público*.

O *corpus* é constituído por 120 exemplos, todos eles contendo orações completivas finitas selecionadas por quatro verbos diferentes: *prometer*, *decidir*, *lembrar* e *recordar*. As expressões utilizadas na procura foram as seguintes:

- a) [lema="prometer"][] {0,3} [lema="que"] [pos="V.*"] [] {0,3}
- b) [lema="decidir"] [] {0,3} [lema="que"] [pos="V.*"] [] {0,3}
- c) [lema="lembrar"] [] {0,3} [lema="que"] [pos="V.*"] [] {0,3}
- d) [lema="recordar"] [] {0,3} [lema="que"] [pos="V.*"] [] {0,3}

Decidimos trabalhar com 30 exemplos para cada verbo, apesar de, num primeiro momento, termos retirado o dobro dos exemplos para cada um dos casos.

3.2. Metodologia de análise do *corpus*

Para a análise deste *corpus*, foram seguidos alguns procedimentos que será importante referir.

Como foi mencionado no final da secção anterior, o nosso objetivo era trabalhar com 30 exemplos de cada verbo, mas retirámos o dobro dos exemplos. Isto ocorreu porque foi necessário realizar uma “limpeza” do *corpus*, tendo em conta alguns critérios. O que queríamos era trabalhar com formas verbais unicamente no modo indicativo e, assim sendo, eliminámos todos os exemplos cujos verbos se encontravam no conjuntivo, assim como os exemplos com verbos modais. Para além disso, retirámos também as construções em que o verbo da frase superior se encontrava numa forma gerundiva ou participial, por estas formas serem defetivas temporalmente e dificultarem a descrição das relações temporais. Foi também necessário verificar se todas as orações eram orações completivas, uma vez que o complementador *que* não introduz apenas orações deste género, pelo que nos deparámos com algumas orações relativas que foi necessário retirar do *corpus*.

Com o *corpus* constituído, procedemos à sua análise, com base em quatro parâmetros: o tempo do verbo da frase superior, o tempo do verbo da frase encaixada, a relação temporal estabelecida e a presença ou ausência de subordinação temporal. Com isto, pretendíamos

conseguir caracterizar o fenómeno das sequências de tempos, bem como descrever as relações temporais presentes neste tipo de completivas e compreender melhor a questão da subordinação temporal. Após esta fase, procedemos à contagem dos dados, elaborando alguns gráficos e quadros, que nos ajudaram a analisar o *corpus*. Posteriormente, procedemos à discussão dos dados obtidos. Deste modo, conseguimos perceber quais os tempos verbais mais utilizados, quer no verbo introdutor, quer no verbo da oração encaixada, e determinar quais as relações temporais mais significativas. Para além disso, foi possível verificar a existência ou não de subordinação temporal e os contextos em que esta pode ocorrer.

3.3. Análise dos resultados

Nesta secção pretendemos analisar os dados presentes no nosso *corpus*. Assim, num primeiro momento, contabilizamos os tempos verbais utilizados no *corpus*, quer no verbo da frase superior, quer no verbo da frase encaixada, podendo, com recurso a alguns gráficos, identificar quais os tempos verbais mais utilizados, assim como as sequências temporais que ocorrem com maior frequência com cada um dos verbos introdutores seleccionados. Posteriormente, procedemos à discussão da análise dos dados referentes às relações temporais estabelecidas, também com o recurso a alguns gráficos. Nesta mesma secção damos conta de alguns exemplos não prototípicos presentes no nosso *corpus*. Por último, abordamos o parâmetro da subordinação temporal, tentando perceber em que sequências temporais está presente este processo.

3.3.1. Ocorrência de tempos verbais no *corpus*

Começaremos por analisar os dados referentes aos tempos verbais presentes na frase superior e na frase encaixada, com o auxílio de dois gráficos.

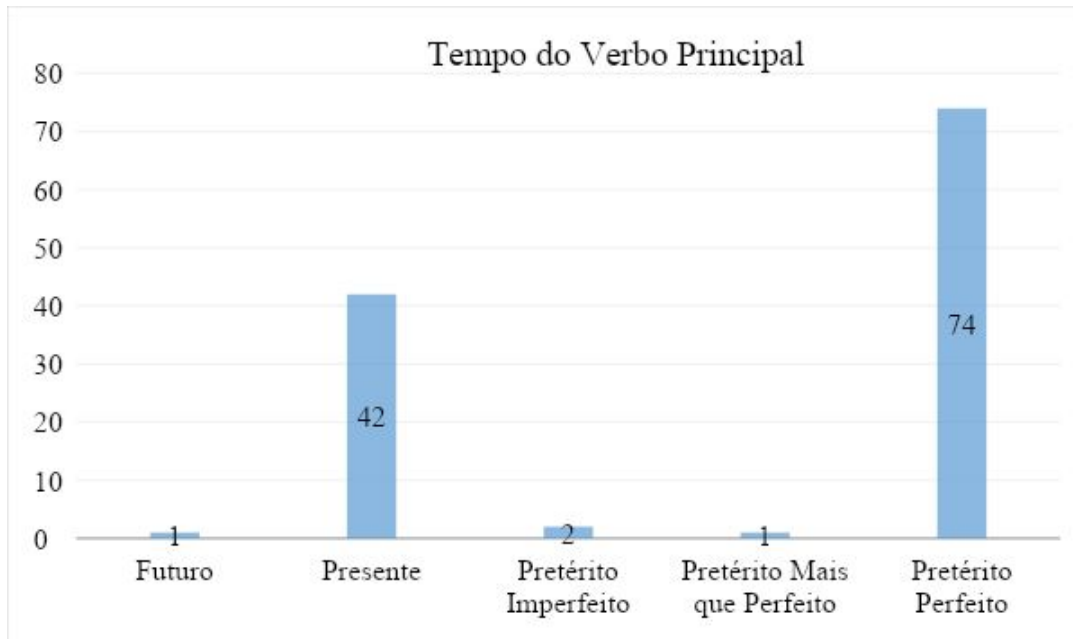


GRÁFICO I. Frequência de tempos verbais no verbo da frase superior.

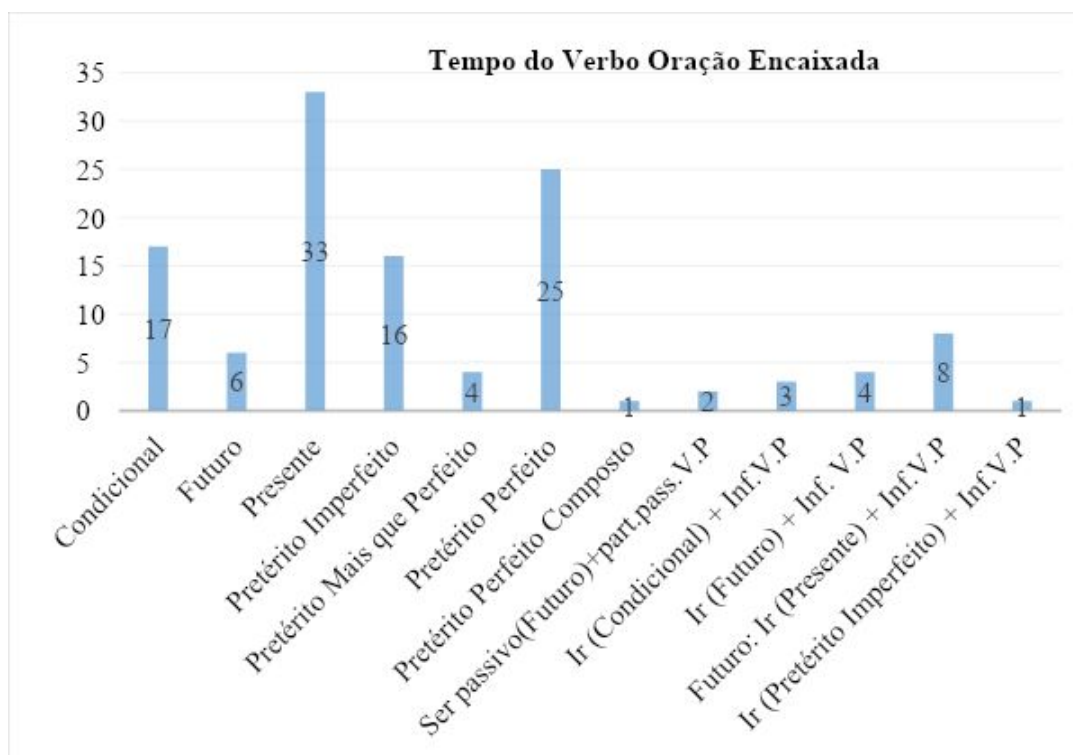


GRÁFICO II. Frequência de tempos verbais no verbo da frase encaixada.

Podemos verificar que o tempo verbal mais utilizado na frase superior é o Pretérito Perfeito do Indicativo (cf. (20) e (22)), representando a maioria dos casos, embora o Presente

do Indicativo esteja também representado (cf. (21) e (23)). Os tempos verbais mais utilizados na frase encaixada são igualmente o Presente do Indicativo (cf. (20)) e o Pretérito Perfeito do Indicativo (cf. (21)), embora ocorram também com alguma frequência no Condicional (cf. (22)) e no Pretérito Imperfeito (cf. (23)).

- (20) par=ext58030-pol-95a-2: O regime comunista chinês decidiu há pouco que é preciso eliminar, a todo o custo, o florescimento do budismo.
- (21) par=ext31591-nd-97b-1: Lembra que faz agora quinze anos que o GFBV foi pela primeira vez ao Festival Internacional de Folclore de Saint Gilles, na Bélgica, donde regressava o autocarro sinistrado.
- (22) par=ext608208-clt-91b-1: Este ano, decidi que seria uma boa ideia fazer uma exposição bibliográfica sobre viagens e memórias na literatura portuguesa.
- (23) par=ext58313-nd-95a-1: Durante os dois anos que ali permaneceu sem julgamento, chegaram numerosas Testemunhas de Jeová e Cabral recorda que eram as grandes vítimas da prepotência da guarda.

Um outro aspeto interessante relativo aos tempos verbais presentes na frase encaixada prende-se com a utilização de alguns complexos verbais, mais concretamente, 18 casos em 120. Destes 18 complexos verbais, convém ressaltar que 17 dizem respeito às orações completivas selecionadas pelo verbo *prometer*. Também é pertinente notar que existem bastantes casos em que a construção *ir* no Presente do Indicativo ou no Futuro seguida do Infinitivo do verbo principal é utilizada com o sentido de Futuro, conforme demonstram os exemplos seguintes do nosso corpus:

- (24) par=ext90574-soc-98b-2: Na Berlenga, a ministra dirigiu-se a alguns populares e prometeu que vai «tentar trazer mais gente» à ilha.
- (25) par=ext67980-pol-92a-1: Deus Pinheiro prometeu que irá «trabalhar com grande discrição» e iniciar contactos com Skopje para tentar resolver o problema.

É igualmente interessante destacar que, apesar de os verbos *prometer* e *decidir* serem ambos verbos prospectivos, não se comportam exatamente da mesma forma. Se tivermos em atenção o tempo verbal do verbo que seleciona a completiva, nos exemplos com *decidir* temos apenas um caso (cf. (26)) em que a referida oração é introduzida por um verbo no Presente do

Indicativo, enquanto nos exemplos com *prometer* temos mais casos em que a completiva é selecionada por um verbo que se encontra no Presente.

- (26) par=ext39177-clt-soc-94b-2: Os problemas surgem quando se decide que é preciso retirar a aplicação para a substituir por outra ou porque, simplesmente, se deixou de precisar dela.

Se repararmos nas sequências de tempos mais utilizadas, podemos concluir que: Pretérito Perfeito seguido de Condicional (cf. (22)), Presente (cf. (20)), Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito e Presente seguido de Presente (cf. (21)) e Pretérito Perfeito são as combinações mais frequentes. No entanto, outras combinações são possíveis, embora não sejam tão representativas, pelo que podemos considerar que existe uma certa liberdade quanto à combinação de tempos verbais no que diz respeito ao modo Indicativo.

As sequências temporais observadas podem ser resumidas no seguinte quadro:

Verbos introdutores	Prometer	Decidir	Lembrar	Recordar
Sequência de Tempos verbais				
Presente → Presente	2	1	7	7
Presente → Pretérito Perfeito	0	0	5	8
Presente → Pretérito Imperfeito	0	0	2	1
Presente → Pretérito Mais-que-Perfeito	0	0	1	0
Presente → Futuro	1	0	0	0
Presente → Futuro: <i>ir</i> (Presente) + Infinitivo verbo principal	5	0	0	0
Presente → <i>ser</i> passivo (Futuro) + Particípio Passado verbo principal	2	0	0	0
Pretérito Perfeito → Pretérito Perfeito	0	1	3	8
Pretérito Perfeito → Pretérito Perfeito Composto	0	0	0	1
Pretérito Perfeito → Futuro	3	2	0	0
Pretérito Perfeito → Condicional	6	10	0	0
Pretérito Perfeito → Presente	0	4	8	3
Pretérito Perfeito → Pretérito Imperfeito	0	9	1	1
Pretérito Perfeito → Pretérito Mais-que-Perfeito	0	2	1	0

Pretérito Perfeito → <i>ir</i> (Condicional) + Infinitivo verbo principal	3	0	0	0
Pretérito Perfeito → <i>ir</i> (Futuro) + Infinitivo verbo principal	3	1	0	0
Pretérito Perfeito → <i>ir</i> (Pretérito Imperfeito) + Infinitivo verbo principal	1	0	0	0
Pretérito Perfeito → Futuro: <i>ir</i> (Presente) + Infinitivo verbo principal	3	0	0	0
Pretérito Mais-que-Perfeito → Condicional	1	0	0	0
Futuro → Presente	0	0	0	1
Pretérito Imperfeito → Pretérito Imperfeito	0	0	2	0

QUADRO 1. Sequência de tempos que ocorrem no *corpus* com cada um dos verbos introdutores das orações completivas.

3.3.2. Relações temporais estabelecidas

Os verbos utilizados como objeto de estudo deste trabalho pertencem à classe dos verbos não neutros no que diz respeito à localização da situação encaixada, o que quer dizer que não aceitam a ocorrência de todo o tipo de relações temporais, ao contrário dos verbos neutros. Os verbos *prometer* e *decidir*, como já foi referido anteriormente, são verbos prospetivos, isto é, verbos que localizam as situações encaixadas num intervalo de tempo posterior ao da situação por eles representada, enquanto que os verbos *lembrar* e *recordar* são retrospectivos, localizando as situações encaixadas num intervalo de tempo anterior ao da situação por eles representada. Posto isto, as relações temporais estabelecidas com maior frequência são de posterioridade e anterioridade, respetivamente. Os gráficos seguintes ilustram as relações temporais observadas para cada um dos verbos.

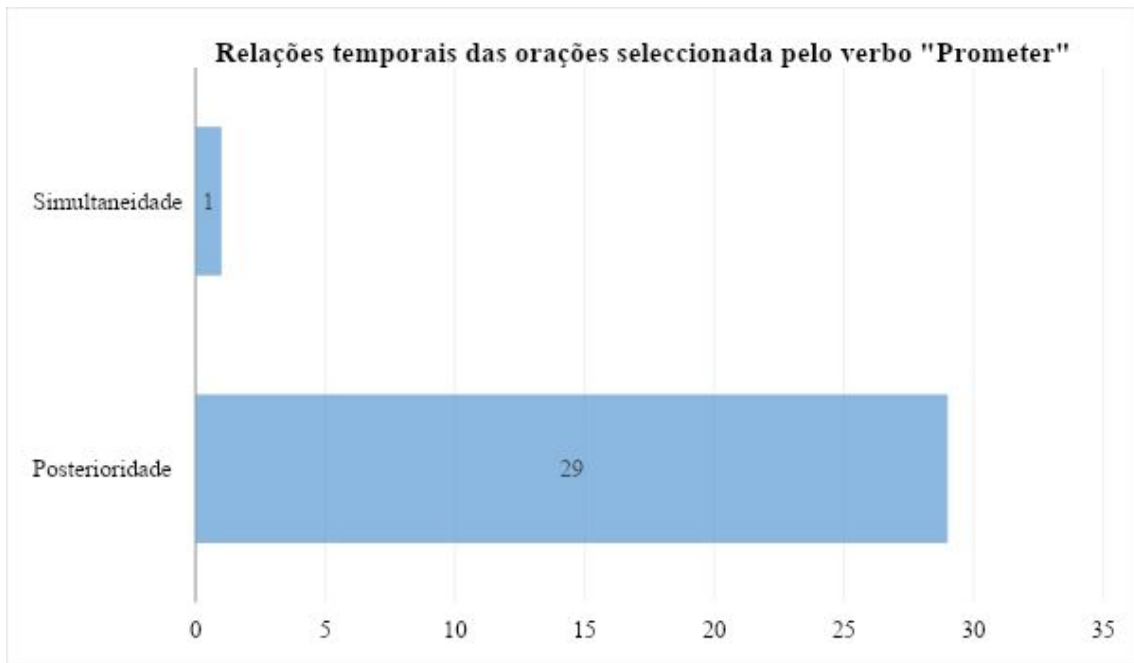


GRÁFICO III. Relações temporais estabelecidas em frases com o verbo principal *prometer*.

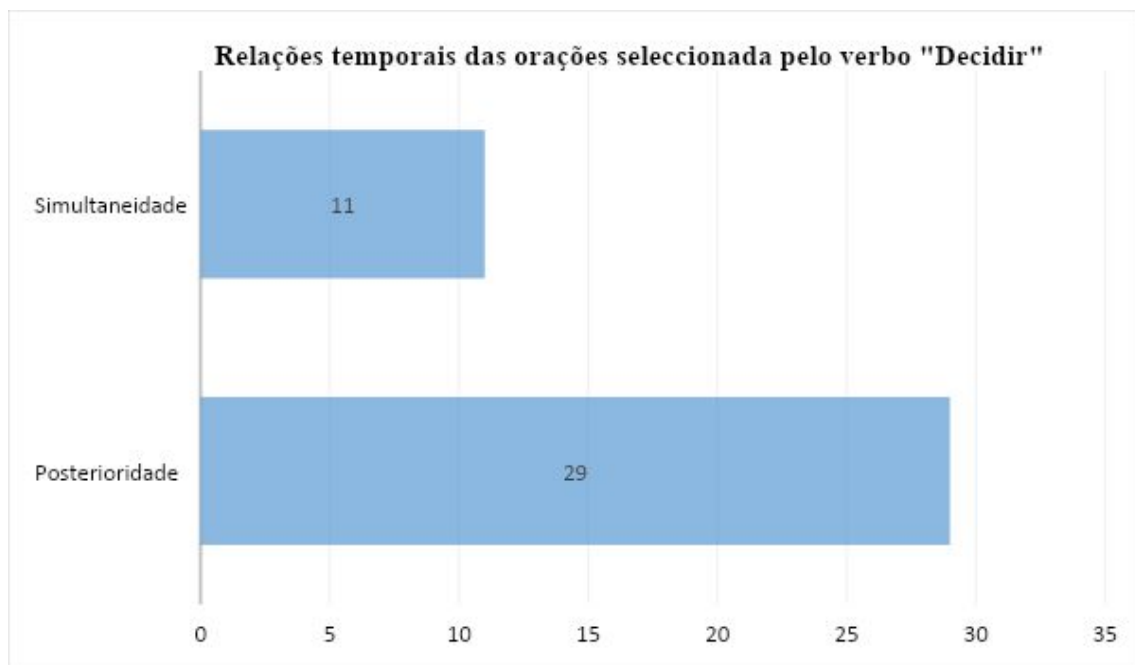


GRÁFICO IV. Relações temporais estabelecidas em frases com o verbo principal *decidir*.

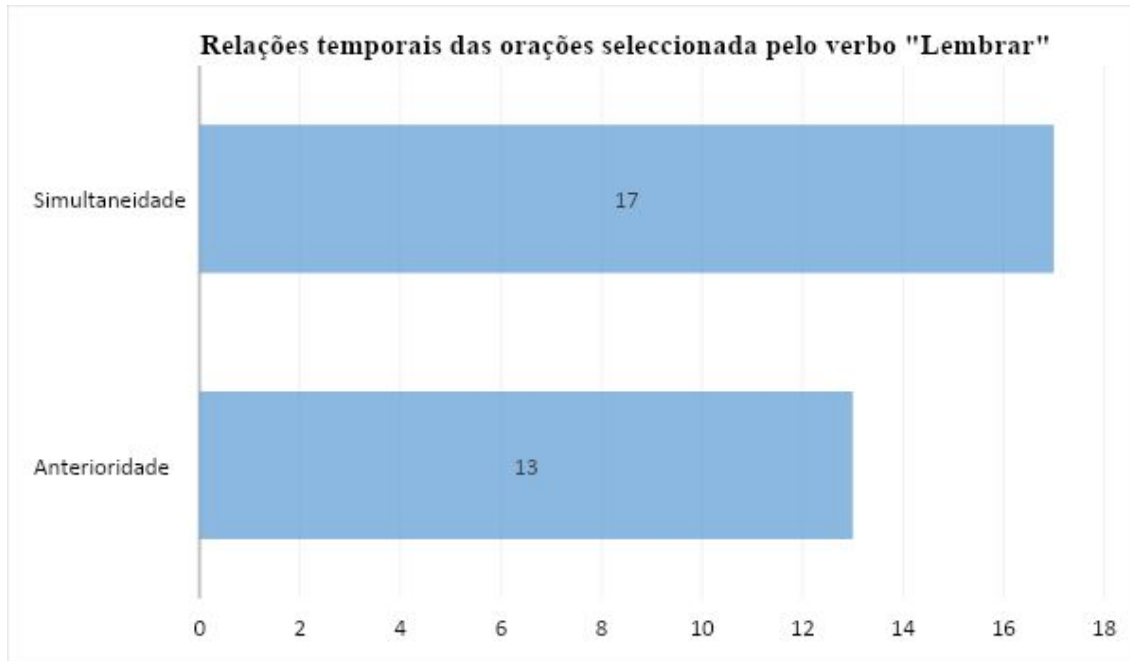


GRÁFICO V. Relações temporais estabelecidas em frases com o verbo principal *lembrar*.

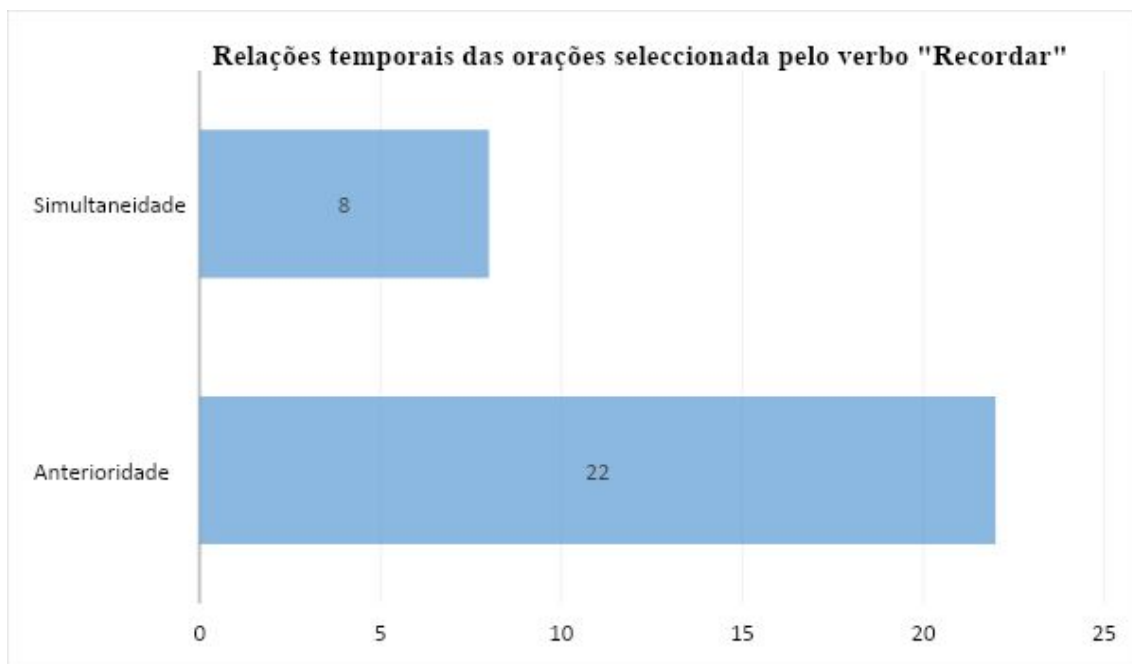


GRÁFICO VI. Relações temporais estabelecidas em frases com o verbo principal *recordar*.

A questão do tempo é bastante complexa e, como se pode ver pelos gráficos, apesar de as relações temporais mais frequentes serem de posterioridade em frases com os verbos *prometer* e *decidir* e de anterioridade com os verbos *lembrar* e *recordar*, ao longo da análise do *corpus*, verificámos que se podem estabelecer também relações de simultaneidade. Assim, é relevante analisar alguns destes casos, para tentar perceber os contextos em que surgem essas relações temporais. Atentemos nos seguintes exemplos:

- (27) par=ext31264-pol-98a-2: Pela parte do PS, José Junqueiro, vice-presidente da bancada popular e actual coordenador do grupo de trabalho das finanças locais, **promete que há** «uma grande abertura por parte do PS e do Governo para fazer uma lei o mais consensual possível».
- (28) par=ext58239-soc-91a-1: Sousa e Melo **recorda que é também desse tempo** «a eliminação sucessiva de múltiplos acessos urbanos de interesse secundário», bem como a construção dos nós da Boa Viagem, Paço de Arcos e Oeiras.
- (29) par=ext11131-des-97a-2: Enquanto se **lembram que têm** de funcionar como equipa, tudo corre de feição aos benfiquistas.
- (30) par=ext9015-eco-95a-1: «Parece que as instituições **decidiram que há** suporte a curto prazo», comentou um operador.
- (31) par=ext86234-eco-94b-1: Constâncio **recordou que existem** mais Estados-membros com problemas idênticos de convergência, pelo que o Governo deveria aproveitar a oportunidade para solicitar uma revisão prática dos critérios.
- (32) par=ext478953-clt-95a-2: Mas, em 1982, Blades **decidiu que era** altura de se emancipar da orquestra de Colón, formou a sua própria banda, Seis del Solar, e encetou uma nova actividade artística como artista de cinema.
- (33) par=ext37147-clt-soc-94b-2: O cientista **lembrou que estavam** ainda por analisar milhares de horas de sinais recolhidos pelo radiotelescópio utilizado no programa Search for Extraterrestrial Intelligence (SETI), uma iniciativa que viu a sua verba reduzida quase a zero, devido aos cortes orçamentais sofridos pela NASA em 1994.
- (34) par=ext249117-pol-91b-2: Relativamente a uma queixa do CDS no sentido de que a CNE deveria corrigir afirmações de Cavaco Silva segundo as quais as eleições servem para designar o primeiro-ministro, aquele organismo **recordou que tem** repetidamente afirmado que as eleições legislativas elegem o Parlamento.

(35) par=ext224390-soc-94b-2: De manhã, o provedor de Justiça **lembrava que estava a terminar o prazo que lhe dera para responder a um parecer seu, emitido na sequência de uma queixa da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, sobre a contratação de funcionários não-docentes.**

No exemplo (27), em que a oração completiva é introduzida pelo verbo “prometer”, um verbo prospetivo por padrão, a sequência temporal é Presente seguido de Presente e há uma relação de sobreposição parcial, pois, tratando-se “prometer” de um evento e “haver uma grande abertura” de um estado, o estado pode prolongar-se para além do evento promessa. Já em (28), a oração completiva é selecionada pelo verbo “recordar”, que tipicamente situa as eventualidades da situação encaixada num intervalo de tempo anterior. Neste caso, o adverbial temporal “desse tempo” situa o estado da oração encaixada num intervalo de tempo anterior quer ao momento de enunciação original, quer ao momento de enunciação do relato. No entanto, o uso do Presente do Indicativo e a natureza aspetual da situação conduzem a uma leitura de simultaneidade com os dois momentos de enunciação. Outro contexto em que é estabelecida uma relação de sobreposição utilizando a sequência temporal Presente do Indicativo + Presente do Indicativo é quando a frase tem uma leitura genérica, cujo valor de verdade não pode ser calculado em função de um índice temporal específico. Para ilustrar isto, tomemos como exemplo a frase (29).

Existem, porém, outros exemplos no nosso *corpus* em que se verifica uma relação de simultaneidade. Se observarmos os pares (30)-(31) e (32)-(33), cujas sequências temporais são Pretérito Perfeito seguido de Presente e Pretérito Perfeito seguido de Pretérito Imperfeito, a relação temporal observada é também a de simultaneidade, independentemente de os verbos principais serem prospetivos ou retrospectivos. No entanto, estamos perante predicções estativas na frase encaixada, o que remete para o facto de que o intervalo ocupado pela subordinada é mais “alargado” do que o presente na frase matriz. Além disso, o significado dos verbos nestas frases pode ser ambíguo, tendo o valor de “chamar a atenção para”, podendo causar diferenças no que diz respeito à relação temporal que estabelecem com a subordinada que a seleciona.

O exemplo (34) revela-se muito particular no nosso *corpus*, posto que é o único que apresenta a sequência temporal Pretérito Perfeito seguido de Pretérito Perfeito Composto.

Também com esta sequência temporal parece verificar-se a relação de sobreposição parcial, apesar de a subordinada ser introduzida pelo verbo “recordar” que é retrospectivo por padrão. A situação da frase principal “recordar” e a situação da frase encaixada “repetidamente afirmar” são coincidentes uma com a outra, pelo menos parcialmente, sendo que a frase matriz se localiza num intervalo anterior ao momento de enunciação. Contudo, tipicamente, o Pretérito Perfeito Composto, em termos temporais, dá conta de situações que têm início no passado, prolongando-se até ao momento de enunciação.

Todos os exemplos presentes no *corpus* que, tal como o exemplo (35), têm os verbos da frase superior – sejam verbos prospectivos ou retrospectivos – e da oração encaixada no Pretérito Imperfeito possuem uma leitura de sobreposição.

Para além destes casos não prototípicos, há ainda um exemplo que nos levanta algumas dúvidas.

(36) par=ext20036-com-97b-2: «Após uma profunda reflexão, decidi que chegara o momento de eu abandonar o cargo de CEO», afirmou McCracken aos accionistas da Silicon Graphics.

Neste exemplo, o verbo da oração encaixada está no Pretérito Mais-que-Perfeito que, por definição, é um tempo utilizado para descrever uma situação passada que ocorreu antes de uma outra, também ela passada. Tendo este facto em conta, o que era esperado que existisse era uma relação de anterioridade, pois “chegara” deveria ser anterior a “decidi”. Para além disso, se tivermos em conta o significado do verbo matriz, só se pode decidir algo que terá lugar num tempo futuro. No entanto, a relação estabelecida parece ser a de sobreposição.

3.3.3. Subordinação Temporal

Nos dados do *corpus*, em 74 das 120 frases, existe subordinação temporal, enquanto que em apenas 46 frases há a criação de um novo domínio.

Vejamos os seguintes exemplos retirados do *corpus* por nós constituído:

(37) par=ext17773-clt-93a-1: Já **prometi que entraria** no Paraíso a escrever.

(38) par=ext44669-pol-91a-1: Mário Raposo **lembrou que foi** o primeiro ministro Mário Soares quem, em 1976, concretizou a criação da Provedoria de Justiça.

No primeiro exemplo há subordinação temporal, uma vez que, para que seja possível localizar a situação da oração encaixada “entrar no Paraíso”, temos de partir do intervalo fornecido pela situação principal, “prometi”. Ou seja, neste contexto, o ponto de perspectiva temporal da situação subordinada corresponde ao intervalo de tempo da situação da frase superior. Quanto ao segundo exemplo, já não se verifica subordinação temporal. Por conseguinte, há a criação de um novo domínio, pois o ponto de perspectiva temporal da situação encaixada é o momento de enunciação.

Depois de analisar os exemplos do *corpus* e de verificar se há ou não subordinação temporal, é possível determinar quais as sequências temporais em que tal relação ocorre. Tenhamos em conta os exemplos seguintes:

- (39) par=ext68020-clt-96a-2: Dentro de um impecável fato, Neil Hannon mostrou a sua muito pessoal Divine Comedy, puxou estilizadamente de um cigarro, tossiu um pouco e prometeu que deixaria de fumar imediatamente.
- (40) par=ext40035-soc-92b-1: Fora estes picos de interesse, poucos se lembram que há, em todo o mundo, 18 milhões de refugiados espalhados -- melhor, amontoados -- em campos de acolhimento.
- (41) par=ext9015-eco-95a-1: «Parece que as instituições decidiram que há suporte a curto prazo», comentou um operador.
- (42) par=ext275302-pol-96b-2: O Presidente sul-africano recordou aos parlamentares que foi a colonização britânica no século XVIII que lançou as sementes da supremacia branca na África do Sul.

As frase (39) e (40) ilustram os dois casos de sequências temporais mais significativos em que há subordinação temporal, o Pretérito Perfeito seguido de Condicional e o Presente seguido de Presente. Os outros dois exemplos, (41) e (42), ilustram, por sua vez, os dois casos mais expressivos em que não há subordinação temporal, com as sequências de tempos Pretérito Perfeito seguido de Presente e Pretérito Perfeito seguido de Pretérito Perfeito.

O quadro seguinte sistematiza esta informação:

Sequência de Tempos	Subordinação Temporal	Número de ocorrências
Presente → Presente	√	17
Presente → Pretérito Perfeito	√	13
Presente → Pretérito Imperfeito	√	3

Presente → Pretérito Mais-que-Perfeito	√	1
Presente → Futuro	√	1
Presente → Futuro: <i>ir</i> (Presente) + Infinitivo verbo principal	√	5
Presente → <i>ser</i> passivo (Futuro) + Particípio Passado verbo principal	√	2
Pretérito Perfeito → Pretérito Perfeito	X	12
Pretérito Perfeito → Pretérito Perfeito Composto	X	1
Pretérito Perfeito → Futuro	X	5
Pretérito Perfeito → Condicional	√	16
Pretérito Perfeito → Presente	X	15
Pretérito Perfeito → Pretérito Imperfeito	√	11
Pretérito Perfeito → Pretérito Mais-que-Perfeito	√	3
Pretérito Perfeito → <i>ir</i> (Condicional) + Infinitivo verbo principal	√	3
Pretérito Perfeito → <i>ir</i> (Futuro) + Infinitivo verbo principal	X	4
Pretérito Perfeito → <i>ir</i> (Pretérito Imperfeito) + Infinitivo verbo principal	√	1
Pretérito Perfeito → Futuro: <i>ir</i> (Presente) + Infinitivo verbo principal	X	3
Pretérito Mais-que-Perfeito → Condicional	√	1
Futuro → Presente	X	1
Pretérito Imperfeito → Pretérito Imperfeito	√	3

QUADRO 2. Sequência de tempos em que existe ou não subordinação temporal.⁷

4. Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi estudar a questão do tempo nas frases com orações completivas finitas de verbo, introduzidas pelos verbos *prometer*, *decidir*, *lembrar* e *recordar*.

Foram percorridas várias etapas para a elaboração deste trabalho. Num primeiro momento, constituímos um *corpus* e optámos pelos dados do CETEMPúblico. Depois de verificarmos se todas as orações eram completivas e se todos os tempos verbais se encontravam no Indicativo, procedemos à análise do *corpus*, tendo por base alguns parâmetros, tais como: tempo do verbo principal, tempo do verbo encaixado, relação temporal e a presença ou não de subordinação temporal.

⁷ O símbolo X quer dizer que não existe subordinação temporal, enquanto que o símbolo √ significa que há subordinação temporal.

Para atingir o objetivo deste trabalho, tomámos por base as propostas teóricas de alguns linguistas acerca do tempo, para depois conseguirmos analisar os dados do *corpus* munidos de alguns conceitos teóricos fundamentais. Posteriormente, passámos à discussão dos resultados obtidos, que nos permitiram chegar a algumas conclusões relevantes.

Uma das primeiras conclusões que retirámos da análise do *corpus* é acerca dos tempos verbais utilizados no verbo introdutor das orações completivas. De facto, o Pretérito Perfeito é o tempo mais utilizado, seguindo-se o Presente, apesar de menos significativo. Relativamente ao tempo verbal da oração subordinada, observaram-se vários exemplos com complexos verbais, quase todos nas frases com o verbo introdutor *prometer*. No entanto, o tempo verbal mais utilizado na oração encaixada é o Presente do Indicativo, seguindo-se o Pretérito Perfeito, Condicional e Pretérito Imperfeito, por ordem decrescente.

No parâmetro de análise do *corpus* respeitante às relações temporais, os resultados verificados foram os esperados. Tendo em conta o tipo de verbos introdutores selecionados para o trabalho (verbos prospetivos e retrospectivos), aquilo que era esperado era que as relações temporais dominantes fossem de posterioridade e anterioridade, respetivamente. Efetivamente, com os verbos *prometer* e *decidir* a relação de posterioridade é a dominante e com os verbos *lembrar* e *recordar* a relação dominante é a de anterioridade. Porém, também se verificaram relações de sobreposição em alguns casos que, apesar de não constituírem a maioria, têm, ainda assim, um peso significativo. Porém, convém destacar que não foram encontrados exemplos no *corpus* em que os verbos prospetivos manifestassem relações de anterioridade, nem exemplos em que os verbos retrospectivos estabelecessem relações de posterioridade, pelo que, apesar de serem possíveis relações temporais de sobreposição, existem algumas restrições neste campo, provavelmente devido ao valor lexical dos verbos.

Quanto à subordinação temporal, concluímos que existem mais casos neste *corpus* de orações em que há subordinação temporal, embora a diferença entre a presença ou ausência de subordinação temporal não seja significativa.

Conseguimos sistematizar as sequências temporais existentes nas orações do nosso *corpus* e perceber em que sequências temporais está presente e ausente o processo de subordinação temporal. Assim, concluímos que existem sequências de tempos como Pretérito Perfeito seguido de Condicional ou Presente seguido de Presente, em que há claramente a

presença de subordinação temporal, mas também que há sequências temporais, como Pretérito Perfeito seguido de Presente ou Pretérito Perfeito seguido de Pretérito Perfeito, que forcem a criação de um novo domínio temporal.

Seria interessante realizar um estudo mais profundo com este tipo de verbos não neutros, alargando o número dos verbos a considerar, assim como a quantidade de dados do corpus. Temos consciência de que trabalhamos com um corpus relativamente reduzido e de que não podemos fazer muitas generalizações.

REFERÊNCIAS

- Barbosa, P. 2013. Subordinação argumental finita. In Raposo, E. Paiva *et al.* (Orgs.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1821-1897.
- Comrie, B. 1985. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Declerck, R. 1991. *Tense in English: Its Structure and Use in Discourse*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Duarte, I. 2003. Subordinação completiva – as orações completivas. In Mateus, M. H. *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 593-652.
- Oliveira, F. 2003. Tempo e aspeto. In Mateus, M.H. *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 127-178.
- Oliveira, F. 2013. Tempo Verbal. In Raposo, E. Paiva *et al.* (Orgs.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 543-547.
- Reichenbach, H. 1947. *Elements of Symbolic Logic*. London: Macmillan.
- Silvano, P. 2003. *Sobre a Semântica da Sequência de Tempos em Português Europeu. Análise das Relações Temporais em Frases Complexas com Completivas*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho.